

Buarque, Luisa

*Notas sobre o exemplo de Aquiles na Apologia (28c) e na República (386c-d e 516d) :  
o filósofo, a retórica e a morte*

# ANAIS DE FILOSOFIA CLÁSSICA

## **Notas sobre o exemplo de Aquiles na *Apologia de Sócrates* (28c) e na *República* (386c-d e 516d): o filósofo, a retórica e a morte.**

Luisa Buarque  
PUC-Rio<sup>1</sup>

---

RESUMO: Se Sócrates sugere expulsar os poetas de sua *politeia*, é certo que Platão está longe de expulsá-los de sua literatura. São, sem dúvida, numerosos e variados os usos platônicos de trechos poéticos e, sobretudo, as paráfrases e citações do poeta supremo Homero. Proponho analisar neste artigo três citações de Homero feitas pelo Sócrates de Platão. A primeira delas (*Apologia de Sócrates*, 28d-e) toma o Aquiles da *Iliada* como um exemplo a ser seguido. As duas outras (*República*, 386c-d e 516d) mencionam ambas a fala de Aquiles relatada nos versos 485-90 da *Odisseia*, mas operam de modo duplo: tomam suas palavras tanto como exemplo quanto como antiexemplo. O que eu gostaria de esclarecer é o fato de que, ainda que o conjunto de menções a Aquiles soe contraditório, as citações mostram-se altamente complementares se colocadas lado a lado, pois são todas utilizadas por Sócrates para retratar e elucidar questões referentes à relação filosófica com a morte.

PALAVRAS-CHAVE: Homero; Platão; Aquiles; Sócrates; Morte; Filosofia

RÉSUMÉ: Si Socrate suggère d'expulser les poètes de sa république, Platon est loin de les expulser de sa littérature. Les usages platoniciens des passages poétiques, et surtout les paraphrases et les citations du poète suprême Homère, sont nombreux et variés. Dans cet article, je propose d'analyser trois citations d'Homère faites par le Socrate de Platon. Le premier d'entre eux (*Apologie de Socrate*, 28d-e) prend l'Achille de l'*Iliade* comme exemple à suivre. Les deux autres (*République*, 386c-d et 516d) mentionnent tous les deux le discours d'Achille rapporté dans les versets 485-90 de l'*Odyssée*, mais opèrent d'une double manière: ils prennent leurs paroles à la fois comme exemple et comme anti-exemple. Bien que l'ensemble des mentions à Achille semble contradictoire, en fait les citations se montrent complémentaires quand elles sont placées côte à côte, puisqu'elles sont toutes utilisées par Socrate pour représenter et élucider des questions concernant la relation philosophique avec la mort.

MOTS-CLÉS: Homère; Platon; Achille; Socrate; Mort ; Philosophie

---

### **Aquiles na *Apologia de Sócrates*:**

---

<sup>1</sup> Artigo realizado com apoio de Capes/Cofecub, no âmbito do acordo de cooperação Capes/Cofecub 841/15 “PRÁTICAS E TEORIAS DA POÉTICA NA GRÉCIA ANTIGA: DE PARMÊNIDES A ARISTÓTELES.”

Buarque, Luisa

*Notas sobre o exemplo de Aquiles na Apologia (28c) e na República (386c-d e 516d) :  
o filósofo, a retórica e a morte*

A menção que Sócrates faz a Aquiles na obra platônica *Apologia de Sócrates* é célebre: trata-se do momento em que o ilustre réu responde com uma citação da *Iliada* a uma das várias perguntas fictícias que ele imagina que algum interlocutor dentre os cidadãos de Atenas poderia lhe endereçar<sup>2</sup>. A pergunta é a seguinte: “Não te envergonhas, Sócrates, de te teres entregado a ocupações que te põem agora em risco de morrer?” (Platão, *Apologia de Sócrates*, 28b3)<sup>3</sup> Que ocupações são essas, não está em questão no momento. A pergunta volta-se, antes, para a ameaça; ele está falando sobre o fato de estar exposto ao risco de morrer agora, em decorrência de algo que fizera antes. Acaso não teria sido melhor furtar-se de tais atividades, sejam elas quais forem? É por causa do foco na pena de morte proposta pelos acusadores que convém citar em sua resposta o herói épico que descuidou do risco de morrer por ter cuidado do risco de desonra, a saber: Aquiles, no preciso momento em que despreza a previsão de sua mãe Tétis e vai ao encontro da morte para vingar Pátroclo. Vejamos a resposta de Sócrates à sua própria pergunta:

A isto poderia eu, com razão, responder: ‘Estás em erro, meu amigo, se pensas que um homem, possuidor de algum mérito, deve calcular os riscos de viver ou morrer, em vez de, quando age, considerar apenas se o que faz é justo ou injusto, é obra de um homem de bem ou de um perverso. A acreditar em ti seriam desprezíveis aqueles semideuses que morreram em frente de Troia, entre outros o filho de Tétis para quem o perigo pouco era em comparação com a desonra. Quando a sua mãe, que era deusa, vendo-o ansioso por matar Heitor, lhe falou, segundo creio, mais ou menos nestes termos: ‘Meu filho, se vingares a morte de Pátroclo, teu companheiro, matando Heitor, tu próprio morrerás; pois, acrescentou, imediatamente após a morte de Heitor seguir-se-á a tua morte’ [*Iliada*, XVIII, 96]. Ele, porém, ouvindo isto, desprezou a morte e o perigo, e receando muito mais uma vida sem honra, se renunciasse a vingar os seus amigos, exclamou: “Que eu morra imediatamente depois de ter punido o culpado, para não ser aqui objeto de riso junto das naus recurvas, peso inútil sobre a terra” [*Idem*, 98, 104, 115, aproximadamente<sup>4</sup>]. Julgas tu

<sup>2</sup> Segundo Chiron (2000, p.124), um procedimento que se terá tornado comum nos tribunais: “O retor [autor da *Retórica a Alexandre*] descreve um procedimento, chamado procatalepse, que consiste em ocupar antecipadamente a posição do adversário (é uma metáfora militar), isto é, antecipar-se aos seus argumentos previsíveis”.

<sup>3</sup> Todas as traduções da *Apologia* são de Manuel de Oliveira Pulquério, porém levemente modificadas.

Εἴτ' οὐκ αἰσχύνῃ, ὦ Σώκρατες, τοιοῦτον ἐπιτήδευμα ἐπιτηδεύσας ἐξ οὗ κινδυνεύεις νυνὶ ἀποθανεῖν;

<sup>4</sup> É sempre interessante notar a diferença entre a citação platônica e o texto homérico que possuímos. Como diz West (West, 1979, p. 155), “when Socrates retells the story, he changes somewhat the Homeric original. Homer stresses Achilles’ sorrow and despair over the death of Patroclus, of whom Achilles says, ‘I value [him] above all my companions, the same as my own head.’ He desires to wreak a boundless vengeance on Hector and the other Trojans for the sake of his lost friend. Socrates transforms Achilles’ passion from the raging anger of revenge into a studied concern for justice”. Reproduzo aqui a referida

Buarque, Luisa

*Notas sobre o exemplo de Aquiles na Apologia (28c) e na República (386c-d e 516d) :  
o filósofo, a retórica e a morte*

que ele se preocupou com a morte e o perigo? (Platão, *Apologia de Sócrates*, 28b5-d5)<sup>5</sup>.

Como se pode notar, a resposta socrática gira em torno da única genuína preocupação de um homem de mérito, a saber, se o que faz é justo ou injusto. A citação da cena homérica vem contribuir para a sua reivindicação na medida em que o grande herói Aquiles demonstrara ali desprezo pelo perigo de morte (τοῦ κινδύνου κατεφρόνησεν).

Comentar esse exemplo de citação homérica é uma tarefa complexa porque qualquer análise das estratégias socráticas da *Apologia* esbarra na questão da sua forma retórica. Ao mesmo tempo que se diz estranho aos tribunais, desacostumado e pouco afeito às características dos típicos discursos forenses e pronto a falar ali como fala em qualquer outro lugar, Sócrates também não deixa de recorrer a diversas estratégias da oratória jurídica em sua fala, como tem sido notado<sup>6</sup>. Melhor dizendo, o próprio fato de

---

parte da *Iliada*, salientando os versos aproximadamente citados: *Iliada*, XVIII, 96-115 (Tradução de Carlos Alberto Nunes):

Tétis, então, a chorar, lhe responde as seguintes palavras:

‘Curta existência terás, caro filho, se assim resolveste,  
Poís logo após o trespasso de Heitor, quer o fado que morras’.

αὐτίκα γάρ τοι ἔπειτα μεθ’ Ἑκτορα πότμος ἐτοῖμος  
Disse-lhe Aquiles, de rápidos pés, a gemer fundamenta: (...)

‘Que seja logo, uma vez que não pude servir para nada  
ao companheiro querido;

αὐτίκα τεθναίην, ἐπεὶ οὐκ ἄρ’ ἔμελλον ἐταίρω κτεινομένῳ ἐπαμῦναι·  
morreu mui distante da pátria,

sem ter-me ao lado no instante em que mais precisava de amparo.

Ora que à pátria querida não devo voltar, nem a Pátroclo  
apareci como a luz salvadora, nem mesmo aos fiéis sócios

que às mãos do filho de Príamo, Heitor, a existência perderam,

mas junto às naves fiquei, peso inútil de terra, (...) ἀλλ’ ἦμαι παρὰ νηυσὶν ἐτόσιον ἄχθος ἀρούρης,

Quanto ao meu fim, estou pronto a acolher o momento funesto,

logo que Zeus mo quiser e as demais divindades eternas.

<sup>5</sup> ἐγὼ δὲ τοῦτῳ ἂν δίκαιον λόγον ἀντίποιμι, ὅτι “Οὐ καλῶς λέγεις, ὦ ἄνθρωπε, εἰ οἶε δεῖν κίνδυνον ὑπολογίζεσθαι τοῦ ζῆν ἢ τεθνάναι ἄνδρα ὅτου τι καὶ μικρὸν ὄφελός ἐστιν, ἀλλ’ οὐκ ἐκεῖνο μόνον σκοπεῖν ὅταν πράττη, πότερον δίκαια ἢ ἄδικα πράττει, καὶ ἄνδρὸς ἀγαθοῦ ἔργα ἢ κακοῦ. φαῦλοι γὰρ ἂν τῷ γε σῶ λόγῳ εἶεν τῶν ἡμιθέων ὅσοι ἐν Τροίᾳ τετελευτήκασιν οἳ τε ἄλλοι καὶ ὁ τῆς Θέτιδος υἱός, ὃς τοσοῦτον τοῦ κινδύνου κατεφρόνησεν παρὰ τὸ αἰσχρὸν τι ὑπομεῖναι ὥστε, ἐπειδὴ εἶπεν ἡ μήτηρ αὐτῷ προθυμουμένῳ Ἑκτορα ἀποκτείνειν, θεὸς οὔσα, οὕτωσί πως, ὡς ἐγὼ οἶμαι. ἽΩ παῖ, εἰ τιμωρήσεις Πατρόκλῳ τῷ ἐταίρω τὸν φόνον καὶ Ἑκτορα ἀποκτενεῖς, αὐτὸς ἀποθανῆ – αὐτίκα γάρ τοι, φησί, ‘μεθ’ Ἑκτορα πότμος ἐτοῖμος’ – ὁ δὲ τοῦτο ἀκούσας τοῦ μὲν θανάτου καὶ τοῦ κινδύνου ὠλιγόρησε, πολὺ δὲ μᾶλλον δείσας τὸ ζῆν κακὸς ὢν καὶ τοῖς φίλοις μὴ τιμωρεῖν, Ἄυτίκα, φησί, ‘τεθναίην, δίκην ἐπιθεις τῷ ἀδικοῦντι, ἵνα μὴ ἐνθάδε μένω καταγέλαστος παρὰ νηυσὶ κορωνίσιν ἄχθος ἀρούρης.’ μὴ αὐτὸν οἶε φροντίσαι θανάτου καὶ κινδύνου;

<sup>6</sup> Para um resumo, ver Mc Coy (Mc Coy, 2010). Ver também Seeskin (Seeskin, 1982) e Feaver & Hare (Feaver & Hare, 1982). Se levarmos em consideração o importante trabalho de Schiappa (Schiappa, 1999) sobre o tema, defendendo o nascimento tardio da técnica retórica enquanto tal e a contribuição de Platão para a sua nomeação e codificação, pode tornar-se ainda mais interessante a observação de estratégias

Buarque, Luisa

*Notas sobre o exemplo de Aquiles na Apologia (28c) e na República (386c-d e 516d) :  
o filósofo, a retórica e a morte*

afirmar que é inexperiente no tribunal é, antes de mais nada, um conhecido *topos* retórico<sup>7</sup>. A ele acrescentem-se: 1) o arranjo do discurso em partes - tais como prólogo, narrativa, argumento e conclusão; 2) a citação de exemplos mito-poéticos, a auto-comparação com heróis e a evocação de testemunhas<sup>8</sup>; 3) o recurso à prova, à demonstração, ao indício (*pistis*, *tekmería*, *semeíon*); 4) a própria insistência na exposição da verdade; 5) a utilização de raciocínios, alegações e tópicos gerais muito próprios dos conteúdos de discursos retóricos aos quais hoje temos acesso<sup>9</sup>.

---

retóricas na obra platônica como um todo. De todo modo, quando me refiro à retórica forense, não estou falando de uma teoria explicitamente desenvolvida, mas de uma prática que mostra traços recorrentes.

<sup>7</sup> O *topos* de dizer que não tem experiência nos tribunais aparece em pelo menos dois discursos de Antifonte: *Tetralogias* II, 2.1 e *Acerca do Assassinato de Herodes*, 1. A este respeito, Mc Coy (Mc Coy, 2010, p. 36) comenta: “De maneira ainda mais inteligente, tanto Sócrates quanto Antifonte usam artifícios retóricos para negar que usam artifícios retóricos. Ainda que essa estratégia possa passar despercebida no tempo de Antifonte, na época de Platão esse artifício fora usado muitas e muitas vezes.” Esse *topos* parece surgir da desconfiança em relação às falas rebuscadas dos hábeis oradores. Encontramos, por exemplo, a seguinte afirmação no *Panatenáico*, de Isócrates (Isócrates, *Panatenáico*, § 1): “nor, again, that which gives the impression of having been composed in a plain and simple manner and is lacking in all the refinements of style, which those who are clever at conducting law-suits urge our young men to cultivate, especially if they wish to have the advantage over their adversaries”. Sobre a eficácia da retórica da anti-retórica, ver o excelente artigo de Rossetti (Rossetti, 1998) e sobre o mesmo tema ver Chiron (Chiron, 2000, p. 127): “Com efeito, um dos dados empíricos com os quais se confrontou o retor é que a competência retórica desperta a suspeita. O orador hábil é suspeito de poder, portanto de querer enganar”. (Chiron, 2000, p. 116): “Nessas condições, a posse, o domínio do código é um dos principais objetivos da retórica. O orador eficaz é aquele que o utiliza sem que ninguém o detecte, o contraditor e o público eficazes são aqueles que detectam a presença dele e que são capazes, portanto, de lhe medir a pertinência e, se a ocasião se apresentar, os artifícios.” (Chiron, 2000, p. 130): “Ao lado do reviramento do código retórico, e frequentemente como corolário (alguém afirma ser tanto menos competente em retórica quanto é hábil o adversário), vem a negação do código. Daí as inúmeras declarações de ingenuidade, até de ansiedade, associadas ao tema da veracidade. O raciocínio implícito é o seguinte: eu não sou bastante malicioso nem bastante competente em retórica para estar em condição de mentir; vou, pois, dizer a verdade. É um aspecto do código – pois recusar a retórica é ainda fazer retórica – que corresponde a uma espécie de desgaste das técnicas de persuasão, que se tornaram conhecidas demais, e portanto visíveis demais.”

<sup>8</sup> Muito comentada por Dorion (2007). Ele alega algo bastante interessante para este contexto: que o tema da testemunha está fortemente presente na *Apologia*, mas é usado de modo muito distinto do comum. “On ne saurait donc trop insister sur le rejet sans appel, de la part de Socrate, des défenses fondées sur des témoignages » (p. 286). Depois, porém, mostra que, após a refutação de Meleto encontramos sim um apelo a testemunhas, algumas bastante insólitas do ponto de vista da retórica (Apolo; o irmão de Querefonte, que já está morto, mesmo que não se saiba se ele pode testemunhar; a memória dos próprios cidadãos/juízes ali presentes para julgá-los; sua pobreza), mas outras nem tanto. E conclui: « Il m’apparaît donc difficile d’échapper à la conclusion que Socrate pratique lui-même, dans l’*Apologie*, le type d’*elenchos* rhétorique qu’il dénonce dans le *Gorgias*. » (p. 288)

<sup>9</sup> Darei como exemplo algumas comparações entre a *Apologia de Sócrates*, a primeira *Tetralogia* de Antifonte e a *Apologia de Palamedes* - personagem que, não por acaso, é evocado por Sócrates ao fim do seu discurso de defesa, em 41b, já que também ele, assim como Ajax, fora condenado injustamente; e que, lembremos, também é citada na *Apologia* de Xenofonte com o mesmo intuito de recordar um exemplo clássico de condenação injusta – ver Coulter (1964). Há de fato similaridades impressionantes entre a *Apologia de Palamedes* e a *Apologia de Sócrates*, como nota McCoy (McCoy, 1999, p. 40), para quem “a defesa de Sócrates escrita por Platão tem a intenção de evocar *Palamedes* de Górgias.” Coulter (1964) pensa que essas similaridades resultam de uma intenção deliberada de inversão, para ele a *Apologia* é um

Buarque, Luisa

*Notas sobre o exemplo de Aquiles na Apologia (28c) e na República (386c-d e 516d) :  
o filósofo, a retórica e a morte*

Por conseguinte, tudo na fala socrática da *Apologia* deixa transparecer uma gigantesca ambiguidade em relação aos modos de discurso mais apropriados para a ocasião de uma defesa em tribunal. Creio, em suma, não ser possível nem alijar a *Apologia* da oratória forense, nem reduzi-la à mesma. Aliás, creio que até mesmo fazer referência a uma “forma retórica tipicamente forense” pode ser algo problemático, porque muito provavelmente a chamada “retórica” - quer para agradar, surpreender ou simplesmente para ser mais eficaz - em alguns casos não deixava de desafiar a própria retórica, virando os seus esquemas e formatos mais rígidos do avesso. Talvez seja o caso de imaginar que tanto melhor retórico era o retórico quanto mais ele fosse capaz de surpreender o seu público. Como observa Chiron (2000, p 111): “Se se aprecia a qualidade desses textos por sua capacidade de se destacar do modelo retórico, é expor-se a ignorar um fato muito provável: a presença de um modelo retórico requintado e complexo *explica* a riqueza do *corpus* dos oradores áticos. Não é *malgrado* o código retórico que os oradores áticos produziram seus melhores textos, mas parcialmente *graças* a ele, num jogo complexo de coincidências e de desvios que devem ser estudados e interpretados com cuidado”.

Entretanto, é preciso também levar em consideração algumas particularidades do caso que nos interessa aqui, que é o caso específico dos tribunais. Por tudo o que está

---

anti-Palamedes. De todo modo, há muitos pontos de comparação. Resumo brevemente as similaridades que pude perceber, incluindo Antifonte na comparação: 1) nos dois primeiros casos, temos o réu acusando o acusador, ou seja, provando que ele caiu em contradição (*DP*, parágrafo 25; *Apologia*, 26b-28a); 2) o apelo ao testemunho da vida pregressa do próprio réu (*DP*, parágrafo 15; *Apologia*, 19d, 31c) e dos seus belos feitos, ou seja, o autoelogio (*DP*, parágrafos 28 a 32, aqui inclusive com a expressão *emautón epainein* e com a observação de que o réu sempre obedecera aos governantes, semelhante também à de Sócrates em 28e; ver também *Apologia*, 30e, 31b; ver também a primeira *Tetralogia* de Antifonte, onde o réu também apela para o autoelogio e o testemunho de sua vida pregressa); 3) a afirmação de que o réu não apenas não cometeu crime algum, como foi o maior benfeitor dos helenos em um caso e dos atenienses em outro (*DP*, parágrafo 30; *Apologia*, 30a-b); 4) a ameaça contra os próprios juizes (*DP*, parágrafo 36, onde, à semelhança de Sócrates, ele diz que eles serão os culpados e os injustos caso de fato o condenem; *Apologia*, 30d-e e 39b; também neste caso vemos o mesmo ocorrer na primeira *Tetralogia* de Antifonte); 5) a afirmação de que o que está em jogo é a verdade e o justo (*DP*, parágrafos 4, 5, 15, 24 e 35; *Apologia* 17a-18b), não o perigo de morte (*DP*, parágrafo 1 e parte final, parágrafos 33 a 37; *Apologia*, 29a-e, 32a-e) e, por fim, 6) a abdicação das lamentações (*oiktos*) e das súplicas (*DP*, parágrafo 33 e *Apologia* 34c-d). Quanto aos temas arrolados, é interessante notar que toda a justificativa de Palamedes para descuidar da morte e cuidar de ser bom baseia-se em questões de reputação (*dóxa*, 36 e 37) e, talvez surpreendentemente, também Sócrates na *Apologia* 34e e 35c se preocupa com a sua *dóxa* e a da cidade. Ainda assim, parece-me que as comparações não devem encobrir as enormes disparidades entre os dois textos. As justificativas socráticas são em geral mais extensas e refinadas do que as de Palamedes; o aprofundamento e a variedade de argumentos, dentre outras coisas, também chama atenção. Isso corrobora a ideia de que Platão usa as estratégias já conhecidas de um modo distinto, acrescentando-lhes uma série de outros elementos.

Buarque, Luisa

*Notas sobre o exemplo de Aquiles na Apologia (28c) e na República (386c-d e 516d) :  
o filósofo, a retórica e a morte*

ali em jogo, especialmente em uma situação como a de Sócrates, talvez seja lícito afirmar que arriscar, do ponto de vista formal, era um tanto mais arriscado. Isto é, talvez fosse aconselhável e prudente ater-se aos recursos esperados e às opiniões mais estabelecidas<sup>10</sup>, que é justamente o que Sócrates na maior parte do tempo não faz. Digamos então, ao menos provisoriamente, que o Sócrates platônico não deixa de fazer uso de certas estratégias retóricas - especialmente das desenvolvidas no intuito de inocentar um réu - mas também não deixa de invertê-las, de extrapolá-las ou, em todo caso, de utilizá-las de modo bastante peculiar e arriscado. Dentre os diversos exemplos que puderam ser elencados, concentrar-me-ei aqui naquele que me parece ter relação direta com a citação da cena de Aquiles na *Iliada*, a saber: o desprezo que Sócrates demonstra em relação aos que suplicam pela absolvição.

Em vários momentos da *Apologia*, Sócrates afirma explicitamente esse seu desprezo pela súplica. Diz ele, por exemplo, que os que suplicam “representam diante de vós estes dramas lamentáveis, em que cobrem a cidade de ridículo” (Platão, *Apologia de Sócrates*, 35c1)<sup>11</sup>. Fala que, aliás, já tende a ligar a súplica com a tragédia (τὰ ἐλεῖνὰ ταῦτα δράματα) e, ao mesmo tempo, com a comédia, na medida em que a cena que deseja despertar piedade sempre pode terminar despertando o riso de escárnio (καγέλαστον). No trecho em questão aqui – a cena de Aquiles desafiando a morte - o mesmo desprezo pela súplica se reafirma indiretamente, mas com não menos contundência, pois o ponto de honra socrático é o argumento de que evitar a morte não deve ser o maior objetivo de alguém que se defende. Ora, a súplica é o procedimento típico de quem - não tendo mais ao que apelar, mas querendo evitar a morte a todo custo - decide lançar mão do último recurso disponível.

Esse é propriamente o motivo para que Sócrates evoque a coragem guerreira de Aquiles e compare a situação do herói à sua (utilizando assim mais uma conhecida es-

---

<sup>10</sup> Que constituem a base para o chamado argumento do *eikós*, ou seja, da plausibilidade ou verossimilhança, que consiste, grosso modo, em adequar o relato ou argumento às expectativas do público ou ao que é considerado mais comum e recorrente.

<sup>11</sup> τὰ ἐλεῖνὰ ταῦτα δράματα εἰσάγοντος καὶ καγέλαστον τὴν πόλιν

Interessante notar que talvez o desprezo pelas lamentações também seja um *tópos* retórico, embora as próprias lamentações o sejam. Também Palamedes demonstra um certo desprezo por elas quando alega que não fará ali as típicas súplicas, preces e lamentações que até podem ser úteis, mas apenas quando se tem a multidão como juiz (cf. nota 8). Como ele não se encontra em um tribunal, mas perante os melhores dentre os helenos, ele não precisa delas. Logo, os melhores dentre os helenos devem desprezar as lamentações. Ainda assim, parece que esse desprezo não está no centro de seu discurso, como o de Sócrates estará. Nas *Tetralogias* de Antífote, pelo contrário, vemos os réus recorrerem ao *tópos* da lamentação e do apelo à piedade dos juízes.

Buarque, Luisa

*Notas sobre o exemplo de Aquiles na Apologia (28c) e na República (386c-d e 516d) :  
o filósofo, a retórica e a morte*

tratégia retórica). O cerne da comparação é simples: se Aquiles, mesmo tendo certeza da iminência da própria morte por ter sido alertado pela mãe deusa, não negligenciou a tarefa que lhe cabia – vingar Pátroclo e evitar tornar-se um guerreiro inútil – cabe a Sócrates, de maneira análoga, ater-se à tarefa sugerida por Apolo – fazer filosofia - sem sobrevalorizar o fato de que é uma ameaça de morte que decorre dessa mesma tarefa. Na fala de Sócrates, portanto, Aquiles permanece sendo o modelo de conduta que tradicionalmente costuma ser. Na circunstância precisa em que é representado descurando a morte, ele está mais do que autorizado a desempenhar esse papel exemplar. Esse é, sem dúvida, o ponto crucial da comparação; atestam-no termos tais como *kataphronéo* (desprezar, menosprezar, desdenhar) e *oligoréo* (não estimar, diminuir, negligenciar) presentes na passagem. O que Sócrates visa ressaltar é a capacidade do guerreiro de não deixar o medo da morte<sup>12</sup> falar mais alto do que o medo da própria covardia.

Além disso, talvez seja possível extrair de tal comparação um fato implícito: ambos, Sócrates e Aquiles, encontram-se em circunstâncias decididamente épicas - marcadas pelo tema da bela morte - mas também *potencialmente* trágicas<sup>13</sup>. Por não possuírem alternativa alguma, a não ser a de ir ao encontro da morte, suas situações são dotadas de todos os elementos necessários para um tratamento trágico. Ou, para ser mais precisa: em princípio lhes é fornecida uma alternativa (a Aquiles, não vingar Pátroclo; a Sócrates, convencer os juízes da sua inocência ou suplicar por sua absolvição), mas essa alternativa é apenas a opção de não se tornarem quem são, ou ainda, uma não-opção. Ou seja: essa alternativa é em ambos os casos um recurso literário que confirma que a morte está necessariamente vinculada às ações que mais propriamente caracterizam as duas personagens. O fato de serem retratadas como escolhas reforça literariamente a coragem exigida por ambas as atitudes. O exemplo da coragem guerreira de Aquiles no contexto da *Apologia* serve, portanto, para melhor iluminar a coragem filosófica de Sócrates<sup>14</sup>.

Tudo isso, entretanto, precisaria ser emoldurado pelo fato dramático de que, na vida real, qualquer que tenha sido a estratégia socrática, aparentemente ela falhou. Ao

---

<sup>12</sup> Ver também, em *Apologia de Sócrates*, 32a7, a mesma expressão: *δείσας θάνατον*.

<sup>13</sup> Agradeço a Paulo Martins por ter me chamado atenção para o aspecto épico da situação socrática. Quanto ao tema da bela morte, ver Vernant (Vernant, 1979) e Ribeiro (Ribeiro, 2010). Quanto à potência trágica contida nas situações épicas em geral e nessa situação de Aquiles em particular, remeto às lamentações, ao choro de Tétis, em suma: a tudo o que acompanha a certeza da morte de Aquiles na *Iliada*.

<sup>14</sup> Embora a natureza das duas coragens seja distinta, neste momento importa ressaltar a sua semelhança.

Buarque, Luisa

*Notas sobre o exemplo de Aquiles na Apologia (28c) e na República (386c-d e 516d) :  
o filósofo, a retórica e a morte*

menos se for examinada do ponto de vista dos objetivos comuns da retórica forense, isto é, caso se considere uma falha a incapacidade de se fazer inocentar pela maioria dos 501 juízes. O que me interessa em relação a essa questão é o fato de que Platão administra de forma magistral, em sua composição filosófico-literária, essa suposta falha que pôde ser transformada em êxito<sup>15</sup>. Ou melhor, Platão parece ser uma das peças-chaves na leitura exitosa dessa possível falha, porque consegue guardar ou quem sabe forjar a memória de um Sócrates que não se curva perante a morte; que chega a dar de ombros ou a quase rir dela, mas que, por outro lado, vê enorme gravidade no perigo de ser injusto. Pensemos, por exemplo, nas seguintes afirmações de Sócrates, já perto do final do texto:

Talvez penseis, Atenienses, que fui condenado por não ter recorrido àqueles argumentos com que vos poderia ter persuadido, se eu achasse que me era lícito fazer e dizer tudo para escapar a uma condenação. Grande engano! Se fui condenado, não foi por falta de argumentos, mas de audácia e impudência, foi por não ter usado aquela linguagem que gostaríeis de ouvir, por não ter chorado, gemido, feito e dito aquelas coisas indignas de mim, que há pouco referi e que vós estais habituados a ouvir a outros acusados (Platão, *Apologia de Sócrates*, 38c5-d2)<sup>16</sup>.

E ainda: “Talvez não seja difícil, Atenienses, evitar a morte, muito mais difícil é evitar praticar o mal.” (Platão, *Apologia de Sócrates*, 39b1)<sup>17</sup>. Sócrates se reafirma como Sócrates na *Apologia* porque Platão o delineia como um Aquiles que pode até ter falhado em retornar vivo de Troia, mas que sem dúvida teve sucesso não somente em vingar Pátroclo, mas, sobretudo, em desprezar (*kataphronéo*) e apequenar (*oligoréo*) a morte por meio dessa vingança.

---

<sup>15</sup> Não apenas Platão: a tradição antiga em geral parece ter interpretado a defesa socrática, incluindo sua ‘falha’, como uma escolha deliberada, inclusive Xenofonte em sua própria *Apologia*.

<sup>16</sup> ἴσως με οἴεσθε, ὦ ἄνδρες Ἀθηναῖοι, ἀπορία λόγων ἐαλωκέναι τοιούτων οἷς ἂν ὑμᾶς ἔπεισα, εἰ ὦμην δεῖν ἅπαντα ποιεῖν καὶ λέγειν ὅσπερ ἀποφυγεῖν τὴν δίκην. πολλοῦ γε δεῖ. ἀλλ’ ἀπορία μὲν ἐάλωκα, οὐ μέντοι λόγων, ἀλλὰ τόλμης καὶ ἀναισχυντίας καὶ τοῦ μὴ ἐθέλειν λέγειν πρὸς ὑμᾶς τοιαῦτα οἷ’ ἂν ὑμῖν μὲν ἥδιστα ἦν ἀκούειν – θρηνοῦντός τέ μου καὶ ὀδυρομένου καὶ ἄλλα ποιῶντος καὶ λέγοντος πολλὰ καὶ ἀνάξια ἐμοῦ, ὡς ἐγὼ φημι, οἷα δὴ καὶ εἴθισθε ὑμεῖς τῶν ἄλλων ἀκούειν.

<sup>17</sup> ἀλλὰ μὴ οὐ τοῦτ’ ἦ χαλεπὸν, ὦ ἄνδρες, θάνατον ἐκφυγεῖν, ἀλλὰ πολὺ χαλεπώτερον πονηρίαν.

Interessante comparar essa afirmação com toda a conversa de Sócrates com Cálicles em *Górgias*. Em especial, 511b-c e, sobretudo, 512 e: “Pois o verdadeiro homem não deve se preocupar em viver o quanto tempo for nem se apegar à vida, mas, confiando essas coisas ao deus e acreditando nas mulheres quando dizem que ninguém escaparia ao seu destino, ele deve se voltar à seguinte investigação: de que modo alguém que vive por certo tempo viveria da melhor maneira possível?” Também 522e: “Pois ninguém que não seja absolutamente irracional e covarde teme a morte em si; teme, porém, ser injusto, pois o cúmulo de todos os males é a alma chegar ao Hades plena de inúmeros atos injustos.” (Tradução de Daniel Lopes)

Buarque, Luisa

*Notas sobre o exemplo de Aquiles na Apologia (28c) e na República (386c-d e 516d) :  
o filósofo, a retórica e a morte*

Sob essa perspectiva, em ambos os casos não há propriamente falhas e sim escolhas guiadas pelo privilégio da coragem da justiça em detrimento do medo da morte. Portanto, todo o motivo da retórica que figura no discurso socrático talvez possa ser lido à luz dessa escolha. A razão pela qual eu quis dar relevo à citação socrática da *Iliada* é justamente que ela me parece estar no cerne da sua estratégia: Aquiles, naquela circunstância em particular, é referência para Sócrates porque sua coragem guerreira o impulsi-ona a temer a coisa certa e faz dele o que ele é.

No entanto, a coragem do guerreiro e a do filósofo também se distanciarão, e essa distância tem início no próprio tratamento literário da cena potencialmente trágica. Se é preciso apequenar a morte, é preciso decerto corresponder literariamente a esse apequenamento, recusando que a potência trágica da cena se atualize. Não faz sentido, contudo, dizer que Homero recusou algo que sequer existia. O que pode fazer sentido, considerando que a poesia épica é mãe da trágica, é afirmar que os elementos trágicos já estavam, também potencialmente, contidos nos poemas homéricos. Aquiles na *Iliada* não é um herói trágico, o tema da bela morte que ele encarna não é um tema trágico, mas sua coragem também não chega a ser antitrágica. É preciso ter conhecido a tragédia e ter reconhecido a semelhança entre a postura do herói trágico e a postura dos suplicantes nos tribunais para poder realizar de fato uma antitragédia forense. Parece ser precisamente essa a escolha literária de Platão, quando trata uma ocasião que representa um risco de morte de maneira deliberadamente deflacionária: menos grave, menos solene e menos trágica do que a tradição – inclusive a épica, se me for permitida uma metonímia anacrônica - costuma fazer. Sócrates, assim como os heróis épicos e trágicos, está à mercê de forças que não pode controlar, está sujeito às vicissitudes da vida e, sobretudo, à injustiça alheia. Todavia, ao contrário dos heróis, mantém-se invulnerável em sua verdadeira autonomia, precisamente porque observa a justiça ao agir.

Considerações tais como essa são muito conhecidas, sobretudo, por causa dos trabalhos de Martha Nussbaum<sup>18</sup>. Considero-as altamente pertinentes no que diz respeito a uma interpretação mais ampla da *Apologia*, que é a narração da história de uma vítima da injustiça da *polis*, se precisarmos resumi-la em pouquíssimas palavras. O discurso socrático tem o intuito de ressaltar precisamente a invulnerabilidade do homem que cuida da própria alma e que promove esse cuidado em sua *polis*. Ele pode até ser

---

<sup>18</sup> (Nussbaum, 2009)

Buarque, Luisa

*Notas sobre o exemplo de Aquiles na Apologia (28c) e na República (386c-d e 516d) :  
o filósofo, a retórica e a morte*

atingido pela injustiça praticada por outrem, mas jamais será forçado por outrem a agir injustamente – pelo menos caso não tema a morte. Como ele mesmo diz, já quase ao concluir seu discurso, em tom que agora sim parece solene e até extremo: “nenhum mal pode acontecer a um homem de bem, nem em vida, nem depois de morrer” (Platão, *Apologia de Sócrates*, 41d1)<sup>19</sup>. Se for vítima da injustiça, ele o será apenas exteriormente: em seus bens, em seu corpo, em coisas alheias. A invulnerabilidade com que Platão presenteia Sócrates é ainda mais forte do que a do escudo com que Hefesto presenteia Aquiles. E faz da potencial tragédia de Sócrates uma quase-comédia, pelo menos em certas partes da sua narrativa<sup>20</sup>: mesmo tendo sido condenado à morte, Sócrates é capaz de zombar de seus juízes e de provocá-los, e isso precisamente para selar seu discurso - que defende que a injustiça é mais perigosa do que a morte - com a maior das coerências. Ao fim e ao cabo, ninguém foi capaz de levá-lo a agir mal – e por isso Sócrates pode rir. Toma Aquiles como exemplo inicial do desprezo pela morte e leva esse desprezo ainda além.

### **Aquiles na República:**

Tendo em mente as considerações acima sobre as distinções entre os tratamentos literários das situações de Sócrates e de Aquiles, é possível passar às duas citações platônicas de certas palavras aquileicas na *República*. Uma delas se encontra logo após a narrativa da caverna, portanto dispensa muitas introduções. Eu gostaria apenas de ressaltar que se trata de uma experiência imaginária: Sócrates descreve tudo o que ocorreria com o célebre homem solto das famosas amarras da caverna e forçado a subir pelo caminho que antes desconhecia. A pergunta hipotética que encontramos neste trecho é: o que ocorreria se, após passar por toda a aventura narrada, de aos poucos habituar-se com a luz, de repente se lembrasse da sua habitação anterior? Segundo Sócrates, ele “se regozijaria com a mudança e deploraria os outros”. E ainda:

**Sóc.** - E as honras e elogios, se alguns tinham então entre si, ou prêmios para o que distinguisse com mais agudeza os objetos que

---

<sup>19</sup> ὅτι οὐκ ἔστιν ἀνδρὶ ἀγαθῷ κακὸν οὐδὲν οὔτε ζῶντι οὔτε τελευτήσαντι

<sup>20</sup> Santoro (Santoro, 2002, p. 2) desenvolve esse tema da comédia na *Apologia* e observa também: “A condenação à morte, não é uma catástrofe, tampouco uma punição por um erro trágico cometido por Sócrates. Para Sócrates, não é possível fazer mal a um homem justo, visto que este se basta a si mesmo e tudo o mais que aconteça por força exterior não é capaz de atingir sua integridade, fonte última de sua felicidade”.

Buarque, Luisa

*Notas sobre o exemplo de Aquiles na Apologia (28c) e na República (386c-d e 516d) :  
o filósofo, a retórica e a morte*

passavam, e se lembrasse melhor quais os que costumavam passar em primeiro lugar e quais em último, ou os que seguiam juntos, e àquele que dentre eles fosse mais hábil em predizer o que ia acontecer – parece-te que ele teria saudades ou inveja das honrarias e poder que havia entre eles, ou que experimentaria os mesmos sentimentos que em Homero, e seria seu intenso desejo “servir junto de um homem pobre, como servo da gleba” [*Odisseia*, 489-490], e antes sofrer tudo do que regressar àquelas ilusões e viver daquele modo?

**GI.** – Suponho que seria assim – respondeu – que ele sofreria tudo, de preferência a viver daquela maneira. (Platão, *República*, 516c9-e2)<sup>21</sup>

O nome de Aquiles aqui não está explícito, mas o mundo grego sabe que a frase entre aspas é dita por ele a Odisseu, quando este o encontra no Hades. Trata-se de outra afirmação a respeito da morte: Odisseu louva Aquiles por ser tão honrado em morte quanto era em vida e Aquiles rebate com a rejeição hiperbólica de sua condição: antes ser servo do servo em vida do que rei dos mortos<sup>22</sup>.

A outra citação da mesma passagem ocorrera bem antes, no Livro III, no célebre contexto da crítica às passagens poéticas que metem medo da morte. Ali, a citação fora introduzida por Sócrates junto com a esclarecedora observação:

Por conseguinte, temos, parece-me, de exercer vigilância também sobre os que tentam narrar estas fábulas e de lhes pedir que não caluniem assim sem mais o que respeita ao Hades, mas que antes o

<sup>21</sup> Todas as traduções da *República* são de Maria Helena da Rocha Pereira:

Τίμαι δὲ καὶ ἔπαινοι εἴ τινες αὐτοῖς ἦσαν τότε παρ' ἀλλήλων καὶ γέρα τῶ ὀξύτατα καθορῶντι τὰ παριόντα, καὶ μνημονεύοντι μάλιστα ὅσα τε πρότερα αὐτῶν καὶ ὕστερα εἰώθει καὶ ἅμα πορεύεσθαι, καὶ ἐκ τούτων δὴ δυνατώτατα ἀπομαντευομένων τὸ μέλλον ἦξειν, δοκεῖς ἂν αὐτὸν ἐπιθυμητικῶς αὐτῶν ἔχειν καὶ ζηλοῦν τοὺς παρ' ἐκείνοις τιμωμένους τε καὶ ἐνδυναστεύοντας, ἢ τὸ τοῦ Ὀμήρου ἂν πεπονθέναι καὶ σφόδρα βούλεσθαι “<ἐπάρουρον ἐόντα θητευέμεν ἄλλῳ ἀνδρὶ παρ' ἀκλήρω>” καὶ ὅτι οὖν ἂν πεπονθέναι μᾶλλον ἢ 'κεῖνά τε δοξάζειν καὶ ἐκείνως ζῆν; Οὕτως, ἔφη, ἔγωγε οἶμαι, πᾶν μᾶλλον πεπονθέναι ἂν δέξασθαι ἢ ζῆν ἐκείνως

<sup>22</sup> Eis o contexto original, *Odisseia* XI, 480-490 (tradução de Trajano Vieira):

“És o mais bem-aventurado no presente  
e no futuro: vivo, nós, argivos, te  
rendíamos honores divinos; hoje,  
é enorme o teu poder restando entre os cadáveres  
aqui. Não te aniquile, Aquiles, a morte!”  
Falei e, súbito, ele rebateu: ‘Não queiras  
embelezar a morte, pois preferiria  
lavar a terra de um ninguém depauperado,  
que quase nada tem do que comer, a ser  
o rei de todos os defuntos cadavéricos.’  
βουλοίμην κ' ἐπάρουρος ἐὼν θητευέμεν ἄλλῳ,  
ἀνδρὶ παρ' ἀκλήρω, ᾧ μὴ βίσιος πολὺς εἶη,  
ἢ πᾶσιν νεκύεσσι καταφθιμένοισιν ἀνάσσειν.

Buarque, Luisa

*Notas sobre o exemplo de Aquiles na Apologia (28c) e na República (386c-d e 516d) :  
o filósofo, a retórica e a morte*

louvem, quando não as suas histórias não são verídicas nem úteis aos que se destinam ao combate. (Platão, *República*, 386b8-c1)<sup>23</sup>.

Em seguida, aparecem os referidos versos: “Antes queria ser servo da gleba, em casa de um homem pobre, que não tivesse recursos, do que ser agora rei de quantos mortos pereceram” (Platão, *República*, 383c8)<sup>24</sup>. É claro que, no contexto do início do Livro III, que trata muito especialmente da criação e da alimentação da coragem guerreira, está em questão precisamente essa preferência, muito de acordo com o espírito da *Apologia*, aliás: é o medo da morte que precisa ser combatido acima de tudo. Mais vale temer a covardia e a injustiça. Por isso, essa fala do Aquiles da *Odisseia* pode ser pensada como o anti-modelo, o exato oposto da fala de Aquiles da *Iliada* citada na *Apolo-*  
*gia*.

Todavia, o que chama atenção na comparação entre as duas citações da fala de Aquiles a Odisseu na *República* é o fato de que os versos finais, “do que ser agora rei de quantos mortos pereceram”, que aparecem na primeira citação (Livro III) precisamente como o cerne da reprovação socrática (Aquiles está “caluniando o que respeita ao Hades”) – e que fazem de Aquiles um antiexemplo naquele momento - são omitidos da segunda (Livro VII). E não à toa, já que essa omissão trai a distinção entre os contextos. Agora, Sócrates não está diretamente interessado no problema do combate ao medo da morte, mas concentra-se nas reações daquele que, supondo a história da saída da caverna descrita logo antes, se lembrasse da sua condição anterior e de seus companheiros de então.

Nesta segunda citação, a fala de Aquiles *aparentemente* volta a servir de modelo para Sócrates, já que ela seria, com efeito, incorporada pelo homem imaginado por Sócrates caso aquilo tudo ocorresse com ele. Também esse homem, assim como Aquiles, preferiria ser servo de um servo, ou seja, também como Aquiles ele rejeita algo muito fortemente<sup>25</sup>. Contudo, se analisado o caso mais de perto, vemos que essa fala só pode voltar a servir de modelo se for inteiramente invertido o seu sentido original, pois,

<sup>23</sup> Δεῖ δὴ, ὡς ἔοικεν, ἡμᾶς ἐπιστατεῖν καὶ περὶ τούτων τῶν μύθων τοῖς ἐπιχειροῦσιν λέγειν, καὶ δεῖσθαι μὴ λοιδορεῖν ἀπλῶς οὕτως τὰ ἐν Ἄιδου ἀλλὰ μᾶλλον ἐπαινεῖν, ὡς οὔτε ἀληθῆ ἂν λέγοντας οὔτε ὠφέλιμα τοῖς μέλλουσιν μαχίμοις ἔσσεσθαι.

<sup>24</sup> βουλοίμην κ' ἐπάρουρος ἐὼν θητευέμεν ἄλλω ἀνδρὶ παρ' ἀκλήρω, ᾧ μὴ βίωτος πολὺς εἴη ἢ πᾶσιν νεκύεσσι καταφθιμένοισιν ἀνάσσειν

<sup>25</sup> Suponho, inclusive, que esses versos de Homero podem ter se tornado proverbiais para exprimir uma rejeição: quando eu rejeito fortemente uma certa situação, eu digo simplesmente, “antes ser servo do servo” do que fazer X. O que explicaria de modo mais simples a omissão da parte final.

Buarque, Luisa

*Notas sobre o exemplo de Aquiles na Apologia (28c) e na República (386c-d e 516d) :  
o filósofo, a retórica e a morte*

muito ao contrário de Aquiles, o que esse homem rejeita é a sua condição anterior e não a atual. Se a sua situação pudesse ser comparada com a morte, então, ele preferiria a morte à vida.

E, de fato, a sua situação será em parte comparada à morte três páginas adiante, em 519d, quando Sócrates notar que os homens que passassem seus anos a aprender supor-se-iam provavelmente trasladados ainda em vida para as Ilhas dos Bem-Aventurados<sup>26</sup>. Note-se que essa morte é inteiramente diferente da morte de Aquiles: o Hades, descrito em certas passagens da *Iliada* e da *Odisseia* como uma habitação terrível, em nada se parece com a Ilha dos Bem-Aventurados e nesse sentido a distinção das rejeições está inteiramente explicada. Enquanto um quer sair a todo custo da "mansão bolorenta" (Platão, *República*, 396d1)<sup>27</sup>, o outro quer permanecer a todo custo na bem-aventurança<sup>28</sup>. Por outro lado, a situação desse homem, também ao contrário da de Aquiles, não é uma verdadeira morte, mas apenas uma suposição de bem-aventurança ainda em vida; suposição esta que só poderia ser comparada à imaginada bem-aventurança *post mortem*. Exatamente por isso, ela terá de ser decepcionada. Segundo Sócrates, nessa *politeia* ninguém estará autorizado a “permanecer lá e não querer descer novamente para junto daqueles prisioneiros nem partilhar dos trabalhos e honrarias que entre eles existem, quer sejam modestos, quer elevados.” (Platão, *República*, 519d5)<sup>29</sup>. Devendo sua educação à *polis*, os cidadãos devem pagá-la sendo úteis à própria *polis* e trabalhando em prol de sua união. Apenas após uma vida de dedicação à política, à educação de si mesmos e à educação dos outros, finalmente “retirar-se-ão para habitar nas Ilhas dos Bem-Aventurados”, isto é, morrerão de fato (Platão, *República*, 540c1)<sup>30</sup>.

Como se pode notar, embora o tema do combate ao medo da morte não esteja diretamente presente nesta passagem, acaba estando indiretamente implicado na mesma.

---

<sup>26</sup> Referência ao “paraíso” hesiódico, digamos assim. Como esclarece Maria Helena da Rocha Pereira em nota de rodapé à *República*, um local *post-mortem* considerado como uma ilha de delícias, cuja descrição mais antiga encontra-se em *Os trabalhos e os dias* 166-173; está presente também em Píndaro, *Olimpica*, 2.58-77.

<sup>27</sup> Outra expressão retirada da *Iliada*, XX, 64/65.

<sup>28</sup> Vale lembrar que no discurso de Fedro do *Banquete* o mesmo episódio da valentia de Aquiles confrontando a morte na *Iliada* é citado como prova do poder dos impulsos amorosos, isto é: a coragem heroica é justificada por sua relação com a força de Eros. Surpreendentemente, Fedro negligencia ali a passagem da *Odisseia* e afirma que Aquiles, deixando admirados até mesmo os deuses pela coragem de seu ato, foi enviado, não ao Hades, mas à ilha dos bem-aventurados, precisamente.

<sup>29</sup> καταμένειν καὶ μὴ ἐθέλειν πάλιν καταβαίνειν παρ' ἐκείνους τοὺς δεσμώτας μηδὲ μετέχειν τῶν παρ' ἐκείνοις πόνων τε καὶ τιμῶν εἴτε φαυλότεραι εἴτε σπουδαιότεραι.

<sup>30</sup> εἰς μακάρων νήσους ἀπιόντας οἰκεῖν.

Buarque, Luisa

*Notas sobre o exemplo de Aquiles na Apologia (28c) e na República (386c-d e 516d) :  
o filósofo, a retórica e a morte*

Considerando a relação morte/vida a partir de uma inspiração mais hesiódica do que homérica, também aqui, como na *Apologia* e em *República* III, a imagem da morte passa a ser menos assustadora e mais desejável, como se fosse uma vida ainda melhor. Mas que não pode nem deve cumprir-se antes do tempo – dentro do período daquilo que atualmente chamamos de vida. Isto é, não podemos permanecer estranhos à vida em vida, como se estivéssemos mortos (em inação ou *apraxia*). E aquilo que atualmente costumamos chamar de vida - esse tempo preenchido predominantemente por ninharias, frivolidades (*fluaría*) e pelo excesso de afazeres (*polupragmosúne*) - é uma espécie de morte porque se revela uma pseudo-vida aos olhos de quem se afastou temporariamente de suas preocupações (como o homem descrito na passagem em questão, que a rejeita com as mencionadas palavras de Aquiles). Sabemos que esse afastamento só pode ser temporário, mas que deve ao mesmo tempo constituir uma experiência decisiva de desprezo e de apequenamento, não da vida tomada no sentido que Sócrates quer lhe emprestar agora - da vida plena, digamos -, mas da vida na *polis* tal como a costumamos entender, no sentido dos supostos saberes, poderes e honrarias geralmente considerados importantes<sup>31</sup>.

A frase homérica da *Odisseia*, a partir da citação de Platão, ganha novo fôlego: as palavras de Aquiles são relidas e recontextualizadas para que a sua relação com a morte seja invertida, como se pudesse ser retomada e filosoficamente justificada aquela coragem demonstrada na *Iliada* e louvada na *Apologia*. E para que os leitores de Platão - e provavelmente também os de Homero - não vivam suas vidas em função de evitar a morte, mas sim em função de evitar a injustiça. O que remonta aos leitores/espectadores de um outro poeta, Eurípides, o qual, em versos também citados por Platão em contexto de inversão de perspectivas sobre vida e morte<sup>32</sup>, afirma: “Quem sabe se viver é morrer/ e morrer é viver?” (Platão, *Górgias*, 492e10)<sup>33</sup>.

<sup>31</sup> Faço aqui uma referência tanto à própria passagem 516d, que ora analiso, quanto a todo o tema do desprezo pelo governo que perpassa essa parte da *República*. Ver, por exemplo, 521b, onde o filósofo deve governar exatamente porque não tem apreço pelo poder: “Ora, tu sabes de qualquer outro gênero de vida que despreze o poder político, sem ser o do verdadeiro filósofo?” Ἐχεις οὖν, ἦν δ' ἐγώ, βίον ἄλλον τινὰ πολιτικῶν ἀρχῶν καταφρονοῦντα ἢ τὸν τῆς ἀληθινῆς φιλοσοφίας;

<sup>32</sup> Contexto de resposta a Cálicles, que afirmara que, de acordo com a concepção socrática de felicidade, seriam felizes ao máximo as pedras e os cadáveres. Sócrates responde espertamente com uma espécie de aceitação da observação, remontando aqui ao conhecido tema do corpo-túmulo, *soma-sema*.

<sup>33</sup> τίς δ' οἶδεν, εἰ τὸ ζῆν μὲν ἐστὶ κατθανεῖν, τὸ κατθανεῖν δὲ ζῆν;  
Citação da tragédia *Frixo*, de Eurípides (fragmento 833).

Buarque, Luisa

*Notas sobre o exemplo de Aquiles na Apologia (28c) e na República (386c-d e 516d) : o filósofo, a retórica e a morte*

### Referências bibliográficas

- ANTIFONTE. *Testemunhos, fragmentos, discursos*. Prefácio e tradução de Luís Felipe Bellintani Ribeiro. São Paulo: Edições Loyola, 2008.
- CHIRON. *A Retórica a Alexandre e os oradores áticos*. Letras Clássicas, v. 4, p. 109-136, 2000.
- COULTER, J. The relation of the *Apology of Socrates* to Gorgias' *Defense of Palamedes* and Plato's critique of gorgianic rhetoric. *Harvard Studies in Classical Philology*, v. 68, p. 269-303, 1964.
- DORION, L. A. Le *Gorgias* et la défense de Socrate dans l'*Apologie*. *Symposium Platonicum*, v. 7, 2007.
- FEAVER, D. D. & HARE, J. E. The *Apology* as an inverted parody of rhetoric. *Arethusa*, v. 14, p. 205-216, 1981.
- GÓRGIAS. Defesa de Palamedes. Tradução de Gabrielle Cavalcante. *Archai*, n. 7, p. 201-218, may-aug. 2016.
- HOMERO. *Iliada*. Tradução de Carlos Alberto Nunes. São Paulo: Ediouro, 1989.
- HOMERO. *Odisseia*. Tradução, posfácio e notas de Trajano Vieira. São Paulo: Editora 34, 2011.
- ISÓCRATES. *Complete works*. Tradução de La Rue van Hook. The Loeb Classical Library. Cambridge: Harvard University Press; London: William Heinemann Ltd., 1945.
- Mc COY, M. *Platão e a retórica de filósofos e sofistas*. Tradução de Livia Oushiro. São Paulo: Madras, 2010.
- NUSSBAUM, M. *A fragilidade da bondade*. Tradução de Ana Aguiar Cotrim. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- PLATÃO. *Apologia de Sócrates*. Tradução de Manuel de Oliveira Pulquério. Lisboa: Edições 70, 2013.
- PLATÃO. *A República*. Tradução e notas de Maria Helena da Rocha Pereira. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1949.
- PLATÃO. *Górgias*. Tradução, ensaio introdutório e notas de Daniel Lopes. São Paulo: Perspectiva, 2015.
- RIBEIRO, A. M. As belas mortes de Sócrates e o encantamento da celebração dos mortos em Atenas. *Educação e Filosofia*. Uberlândia, v. 24, n. 47, p. 34-54, jan./jun., 2010.
- ROSSETTI, L. "Rhétorique de l'anti-rhétorique" et "effet de surprise": à l'origine de l'image négative des sophistes. *Noesis*, v. 2, 1998.
- SANTORO, F. Risos no Tribunal : as referências de Sócrates à comédia e a Aristófanes, na Apologia. In: *Memória & Festa*. Orgs. Fábio S. Lessa e Regina C. Bustamante. Rio de Janeiro: Mauad, 2005, p. 606-611.

Buarque, Luisa

*Notas sobre o exemplo de Aquiles na Apologia (28c) e na República (386c-d e 516d) : o filósofo, a retórica e a morte*

SAXONHOUSE, A. *Free speech and democracy in ancient Athens*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

SCHIAPPA, E. *The beginnings of rhetorical theory in classical Greece*. New Haven, London: Yale University Press, 1999.

SEESKIN, K. Is the *Apology of Socrates* a parody? *Philosophy and Literature*, v. 6, p. 94-105, 1982.

VERNANT, J-P. A bela morte e o cadáver ultrajado. *Discurso*. São Paulo, n. 9, 1979, p. 31-62.

WEST, T. G. *Plato's Apology of Socrates. An interpretation, with a new translation*. Ithaca and London: Cornell University Press, 1979.

XENOFONTE. *Apologia de Sócrates*. Tradução de Líbero Rangel de Andrade. São Paulo: Nova Cultural, 1996.

[Recebido em novembro de 2016; aceito em fevereiro de 2017.]